

Índice

I. Exórdio	7
II. Segundo exórdio (filosófico) à laia de desculpa	9
III. A casa e a toupeira	13
IV. Foi assim	22
V. Maturação	37
VI. Tac tac tac...	52
VII. Mudo de comboio	68
VIII. Adriano Meis	80
IX. Um pouco de nevoeiro	93
X. Pia de água benta e cinzeiro	103
XI. À noite, olhando o rio	115
XII. O olho e Papiano	133
XIII. A lanterninha	146
XIV. As proezas de Max	159
XV. Eu e a minha sombra	169
XVI. O retrato de <i>Minerva</i>	182
XVII. Reencarnação	202
XVIII. O falecido Mattia Pascal	214

I. *Exórdio*

Uma das poucas coisas, talvez mesmo a única, de que eu tinha a certeza era esta: que me chamava Mattia Pascal. E disso tirava partido. Cada vez que algum dos meus amigos ou conhecidos dava mostras de ter perdido o juízo a ponto de me vir pedir algum conselho ou opinião, eu encolhia os ombros, semicerrava os olhos e respondia-lhes:

- Eu chamo-me Mattia Pascal.
- Obrigado, meu caro. Isso já eu sei.
- E parece-te pouco?

Não parecia muito, para dizer a verdade, nem mesmo a mim. Mas ignorava então o que pudesse significar não saber sequer isto, quer dizer, o não poder já responder, como antes, quando necessário:

- Eu chamo-me Mattia Pascal.

Haverá certamente quem me lamente (tão pouco isso custa), imaginando a mágoa atroz de um desgraçado a quem acontece descobrir de um momento para o outro que... Isso mesmo, nada, em suma: nem pai nem mãe, nem como foi ou como não foi; e há de mesmo mostrar-se indignado (o que ainda custa menos) com a corrupção dos costumes, com os vícios, e com os tristes tempos, capazes de causar tanto mal a um pobre inocente.

Pois bem, esteja à vontade. Mas devo avisá-lo que não é propriamente esse o caso. Poderia expor aqui, de facto, com uma árvore genealógica, a origem e a descendência da minha família e demonstrar tal-qualmente que não só conheci o meu pai e a minha mãe, como

também os meus antepassados e os seus feitos, ao longo de muito tempo, nem todos verdadeiramente louváveis.

E então?

É assim: o meu caso é bastante mais estranho e diferente; tão diferente e estranho que me disponho a contá-lo.

Fui, durante cerca de dois anos, já não sei se caçador de ratos se guardador de livros na biblioteca que um certo monsenhor Boccamazza, em 1803, decidiu deixar em testamento à nossa comuna. É mais que evidente que este monsenhor devia conhecer mal a índole e os hábitos dos seus concidadãos; ou talvez esperasse que, com o tempo e a comodidade, o seu legado acendesse no espírito deles o amor pelo estudo. Até agora, posso testemunhá-lo, não se acendeu; e digo-o em homenagem aos meus concidadãos. De tal modo a comuna se mostrou pouco agradecida a Boccamazza pela doação que não quis erigir-lhe um meio busto que fosse, e deixou os livros por muitos e muitos anos empilhados num vasto e húmido armazém, de onde mais tarde os retirou, imagine-se em que estado, para os alojar na igreja fora de mão de Santa Maria Liberale, não sei por que motivo desconsagrada. Aí os confiou, sem qualquer discernimento, a título de beneficência, e como sinecura, a um qualquer mandrião com alguma boa proteção que, por duas liras ao dia, tendo um olho neles, ou até não tendo olho nenhum, suportasse o cheirete a bafio e velharia que deles emanava.

Tocou-me também a mim tal sorte; e desde o primeiro dia concebi uma tão fraca estima pelos livros, fossem eles impressos ou manuscritos (como alguns antiquíssimos da nossa biblioteca), que nunca por nunca, me poria agora a escrever se, como disse, não considerasse o meu caso deveras estranho e capaz de poder servir de ensinamento a algum leitor mais curioso, que porventura, tornando finalmente realidade a antiga esperança do bom do monsenhor Boccamazza, aparecesse nesta biblioteca, à qual lego este meu manuscrito, com a obrigação porém de que ninguém o possa abrir senão cinquenta anos depois da minha *terceira, última e definitiva* morte.

Uma vez que, até este momento (e Deus sabe quanto o lamento), morri, sim, já duas vezes, embora a primeira por engano, e a segunda... logo verão.

II. *Segundo exórdio (filosófico) à laia de desculpa*

A ideia, ou antes, a recomendação de escrever devo-a ao meu reverendo amigo Dom Eligio Pellegrinotto, que presentemente tem à sua guarda os livros da Boccamazza, e ao qual confiarei o manuscrito mal esteja terminado, se alguma vez estiver.

Escrevo-o aqui, na igreja desconsagrada, à luz que me chega da claraboia lá do alto, da cúpula; aqui, na abside reservada ao bibliotecário e rodeada por um gradeamento de madeira com balaústres, enquanto Dom Eligio arqueja sob o encargo que heroicamente assumiu de pôr um pouco de ordem nesta verdadeira babilónia de livros. Receio que nunca venha a acabá-lo. Ninguém antes dele se preocupava em saber, pelo menos por alto, dando uma olhadela de fugida às lombadas, que raça de livros o tal Monsenhor tinha doado à comuna: supunha-se que todos ou quase todos eles devessem tratar de matérias religiosas. Ora este Pellegrinotto descobriu, para sua suma consolação, uma variedade enorme de temas na biblioteca do Monsenhor; e como os livros foram recolhidos daqui e dali no armazém e amontoados como calhava, a confusão é indescritível. Pela sua proximidade, estreitaram-se entre estes livros amizades indizivelmente insólitas: Dom Eligio Pellegrinotto contou-me, por exemplo, que não tinham sido poucos os esforços que fizera para separar de um tratado extremamente licencioso, *A Arte de Amar as Mulheres*, em três volumes, de Anton Muzio Porro, do ano de 1571, uma *Vida e Morte de Faustino Materucci*, *Beneditino de Polirone*, que alguns consideram bem-aventurado, biografia editada em Mântua em 1625. Com a humidade, as encadernações dos dois livros tinham-se frater-

nalmente colado uma à outra. É de notar que no segundo livro daquele tratado licencioso se discorre demoradamente acerca da vida e das aventuras monacais.

São muitos os livros curiosos e agradabilíssimos que Dom Eligio Pellegrinotto, empoleirado num escadote do acendedor das luzes, pescou nas estantes da biblioteca. Cada vez que descobre algum, atira-o lá do alto, com garbo, para cima da enorme mesa que está no meio da igreja, fazendo-a ressoar; levanta-se uma nuvem de pó, de onde duas ou três aranhas se escapam espavoridas: eu acorro da abside, pulando por cima do gradeamento; começo por dar caça às aranhas com o próprio livro pela mesa empoeirada fora; depois abro o livro e fico a dar-lhe uma vista de olhos.

Deste modo, pouco a pouco, fui tomando gosto a este género de leituras. Agora Dom Eligio diz-me que o meu livro devia seguir como modelo estes que ele vai desencantando na biblioteca, ou seja, devia ter aquele mesmo sabor particular. Eu encolho os ombros e respondo que não é tarefa para mim. E há também outra coisa que me retém.

Todo suado e empoeirado, Dom Eligio desce do escadote e vai tomar um pouco de ar fresco na hortazinha que arranjou maneira de criar aqui atrás da abside, protegida a toda a volta por estacas e espetos.

— Ora, meu reverendo amigo — digo-lhe eu, sentado no murete, com o queixo apoiado no castão da bengala, enquanto ele cuida das suas alfices. — Não me parece já altura, esta, para escrever livros, nem sequer a brincar. No que toca à literatura, como a todo o resto, devo repetir o meu estribilho do costume: *Maldito seja Copérnico!*

— Oh oh oh, que tem que ver aqui o Copérnico? — exclamou Dom Eligio, endireitando-se, com o rosto afogueado debaixo do chapirão de palha.

— Tem, tem, Dom Eligio. Porque quando a Terra não girava...

— E ele a dar-lhe! Mas se ela sempre girou!

— Não é verdade. O homem não o sabia, e por isso é como se não girasse. Para muita gente, ainda hoje, não gira. Há dias disse a um velho camponês que ela girava, e sabe o que me respondeu? Que era uma boa desculpa para os bêbados. De resto, mesmo o senhor, tenha paciência, não pode pôr em dúvida que Josué parou o Sol. Mas

deixemos lá isso. O que eu digo é que quando a Terra não girava e o homem, vestido de grego ou de romano, aí fazia assim boa figura, assim se sentia confiante e muito se comprazia com a sua própria dignidade, posso acreditar que se pudesse aceitar uma narração meticulosa e cheia de pormenores escusados. Lê-se ou não se lê em Quintiliano, como o senhor me ensinou, que a história devia ser feita para narrar e não para provar?

— Não o nego — responde Dom Eligio —, mas também é verdade que nunca se escreveram livros assim meticulosos, ou antes, tão minuciosos em todas as mais recônditas minudências, como desde que, no seu dizer, a Terra começou a girar.

— Está bem! *O senhor conde levantou-se a tempo, às oito horas e meia exatas... A senhora condessa envergou um vestido lilás com um floreado de renda na gola... Teresina estava morta de fome... Lucrezia suspirava de amor...* Oh, meu Deus do céu! Mas que me pode importar isso? Estamos ou não estamos num pião invisível, a que um fio de sol serve de chicote, sobre um grãozinho de areia enlouquecido que gira gira gira, sem saber porquê, sem jamais chegar a um destino, como se tivesse prazer em girar assim, para nos fazer sentir ora um pouco de calor, ora um pouco mais de frio, e para nos fazer morrer — muitas vezes com a consciência de ter cometido uma série de pequenas tolices depois de cinquenta ou sessenta voltas? Copérnico, Copérnico, meu caro Dom Eligio, arruinou a humanidade, irremediavelmente. Hoje em dia, todos nós nos fomos adaptando a pouco e pouco à nova conceção da nossa infinita pequenez, a considerarmo-nos até menos do que nada no Universo, com todas as nossas descobertas e invenções; e que importância quer então que tenham as notícias, não digo já das nossas misérias pessoais, mas também das calamidades gerais? Histórias de minhocas, agora, as nossas. Leu alguma coisa sobre aquele pequeno desastre nas Antilhas? Nada. A Terra, coitada, cansada de girar, como quer aquele cónego polaco, sem propósito, teve um pequeno sobressalto de impaciência, e soprou um quanto de fogo por uma das suas muitas bocas. Quem sabe o que lhe terá provocado aquela espécie de bÍlis. Talvez a estupidéz dos homens que nunca se mostraram tão molestos como agora. Basta. Vários milhares de minhocas torradas. E seguimos adiante. Quem fala mais nisso?